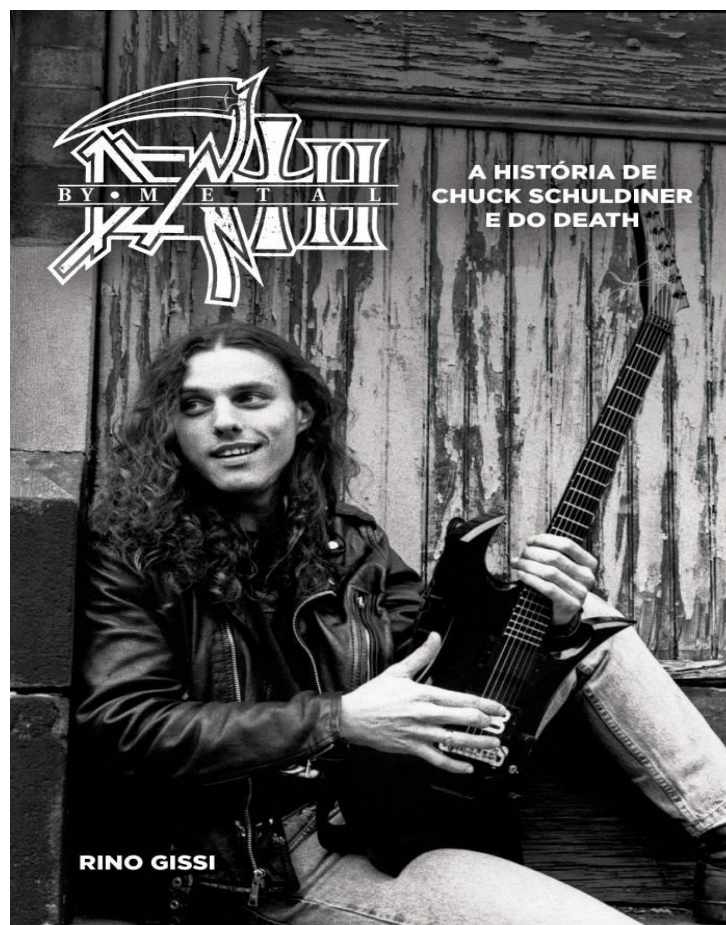




## Death by Metal: a história de Chuck Schuldiner e do Death

**Rodrigo Barchi** – Universidade Ibirapuera | São Paulo | São Paulo | Brasil |  
rodrigo.barchi@ibirapuera.edu.br



GISSI, Rino. **Death by metal**: a história de Chuck Schuldiner e do Death. Contagem: Estética Torta, 2020. 257p.

• e-ISSN: 2177-5788 •


Copyright @ 2020. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Qual a pertinência da publicação, em um periódico acadêmico, da resenha da tradução de uma biografia de um músico alternativo, cujo conjunto, durante o tempo de existência, tinha seus álbuns circulando somente em restritos círculos *underground*, e os videoclipes, em épocas áureas de MTV, não eram transmitidos mais do que uma vez por mês nos programas especializados em *Heavy Metal*?

Para responder a essa questão, é necessário esclarecer que, apesar do perfil dessa biografia não estar voltado diretamente ao público acadêmico, mas às e aos fãs da banda Death, do estilo *death metal* e do público do *Heavy Metal* em geral, há um crescente número de dissertações, teses e artigos, no Brasil e no mundo, ao redor daquilo que pode ser chamado de música extrema ou metal extremo, os quais envolvem estilos distintos – mas não tanto assim – como o *black metal*, o *splatter metal*, *thrash metal*, *grindcore* e, obviamente, o *death metal*.

Portanto, a tradução da biografia de Charles Michael Schuldiner, mais conhecido como Chuck Schuldiner, mentor e principal músico da banda Death, chega ao Brasil em um momento em que uma série de estudos sobre essa música extrema começa a ser publicada e divulgada. Pesquisas que evocam os aspectos políticos, sociais, culturais, antropológicos, linguísticos, estéticos, ecológicos e educacionais dos conjuntos dessa vertente musical. Ou como sugerem as bandas de *grindcore*, ao carregar a nota musical cortada ao meio, vertente antimusical.

A banda Death surgiu no Estado da Flórida e é considerada pelos *headbangers* – seguidores do metal – como a precursora do estilo *death metal*, ao lado de outra banda estadunidense, os californianos do Possessed. Nas rodas de conversas durante os *shows*, nas redes sociais e nas páginas especializadas sobre o metal extremo, muito se discute sobre a “paternidade” do *death metal*, visto que a banda Possessed carrega, em suas características, muito mais *thrash metal* do que necessariamente *death metal*; enquanto, desde seu primeiro álbum, “*Scream Bloody Gore*”, lançado em 1987, o Death já havia praticamente ultrapassado sonoridade



*thrash metal*, trazendo à tona um estilo de som com afinações de baixo e guitarra ainda mais graves, uma bateria muito mais rápida, com ampla utilização de bumbos duplos e vocais guturais absurdamente sombrios, dando o teor apocalíptico que iria guiar as bandas de *death metal* nos últimos 33 anos.

É preciso enaltecer uma grande transformação estética, política e cultural promovida pelas sonoridades alternativas ao *rock'n'roll*, em especial aquelas que levaram aos movimentos culturais, a partir do final dos anos 70 e começo dos anos 80, que culminaram na radicalização da cultura *punk* anarquista e na elevação do tom das bandas metal, em especial, aquelas que passaram a abordar o ocultismo, o satanismo, o apocalipse e às críticas às religiões cristãs no ocidente. Contra o metal "satânico", uma série de ações foi promovida, em especial, pela *Parents Music Resource Center* (PMRC), encabeçada por Tipper Gore – então esposa do senador democrata Al Gore – que visava "proteger os jovens" contra a influência nefasta da música blasfema.

No entanto, apesar do primeiro álbum do Death estar carregado da temática *gore*, ou seja, da sanguinolência dos filmes de terror alternativos e de uma série de mensagens sobre morte e fim do mundo, a própria banda Death, nos álbuns seguintes lançados nos anos 80 e 90, passou a adotar uma série de temáticas críticas, em relação aos mais diversos temas. Afinal de contas, de "*Scream Bloody Gore*", do primeiro álbum de 1987, para "*The Sound of Perseverance*", do último álbum, de 1998, há um salto enorme.

Tanto as bandas de *thrash metal*, quanto as bandas de *death metal*, trouxeram – e ainda trazem – em suas letras e capas de discos uma série de perspectivas ácidas e críticas às sociedades contemporâneas, carregando um posicionamento político, social, econômico, cultural, ecológico, (anti)religioso e musical, que agora começam a ser discutidos como um conjunto de saberes, manifestações e movimentos, que até


pouco tempo estavam desprezados e subestimados pelas pesquisas acadêmicas, com raríssimas exceções.

Nesse sentido é que essa biografia tem sua irrefutável importância. Ao apresentar a trajetória de um garoto que queria ser igual aos ídolos das bandas Black Sabbath, Kiss e Judas Priest, suas dificuldades em encontrar músicos para produzir o mesmo estilo de som, em gravar e distribuir os álbuns e em se apresentar nos *shows*, até chegar ao ponto em que foi responsável pela criação de uma vertente *underground* que inspira milhares de bandas ao redor do mundo, a obra do jornalista italiano Rino Gissi – lançada na Itália em 2013 e só publicada no Brasil em 2020 – representa um ganho enorme para quem busca compreender e estudar o campo transversal e indisciplinar da música extrema.

Essa biografia de Chuck Schuldiner foi lançada no Brasil pela editora Estética Torta, que já lançou obras sobre nomes consagrados do *Heavy Metal* Mundial, como Ronnie James Dio, Iron Maiden e Whitesnake, um livro sobre a influência de Tolkien nas bandas do estilo, um outro ao redor da temática *black metal*, além do lançamento da biografia sobre o músico brasileiro André Mattos, recentemente falecido. Mas, no Brasil, é o primeiro livro sobre um músico tão alternativo.

A mística sobre Chuck Schuldiner não se dá somente pelo fato de ser o principal músico da banda pioneira do *death metal*. Mas também pela tragédia que se abateu sobre a vida do autor, que foi ceifada em dezembro 2001, quando Chuck, aos 34 anos de idade, perdeu a batalha para um avassalador câncer no tronco encefálico. Justamente no momento no qual, após o lançamento de sete álbuns pela banda Death e um pelo projeto *Control Denied*, Chuck começava a se tornar o músico de referência que sempre almejou. Não somente no universo *underground* do *death metal*, mas também para todo o público do *Heavy Metal* em geral.

O livro de Rino Gissi trabalha de forma muito afetiva e complacente a mística criada ao redor do músico, por se tratar, explicitamente, de um fã da banda e do próprio Chuck. Por um lado, a escrita parcimoniosa nos traz




uma leitura muito parcial e não muito analítica em relação aos diversos posicionamentos e ações de Chuck, no que diz respeito ao convívio com outros músicos, com gravadoras, produtoras e organizadores de shows e eventos. Em todos os trechos que narram situações de conflito entre o protagonista e outros atores, há sempre uma forma de apaziguamento, por parte do biógrafo, de modo que a impressão dada é que Chuck Schuldiner foi vítima de músicos não dedicados, de empresários inescrupulosos e de produtores de eventos incompetentes ou mercenários.

No entanto, por outro lado, o fato de ser o primeiro relato sobre um ícone de um estilo de som alternativo, que até então nunca havia tido o protagonismo de uma biografia que, aliás, demorou a ser produzida – foram 12 anos de lacuna entre a morte de Chuck e um primeiro relato detalhado e cuidadoso sobre sua vida, se pensarmos o lançamento no exterior – faz com que a ausência de alguns detalhes que pudessem ser sórdidos, comprometedores ou degradantes na imagem do músico, trouxesse uma devida justiça a uma pessoa comum, amante da natureza, cachorros e gatos, que só queria ter um pouco de sucesso com a sua música, mas que promoveu uma verdadeira revolução cultural no universo da música extrema.

Portanto, o que Rino Gissi nos traz é um relato muito gentil sobre a curta vida de Chuck Schuldiner, entrelaçado à história não somente da banda Death, mas a todo universo *underground* do *death metal* que passava a se estabelecer a partir daqueles anos. O livro segue uma escala linear muito didática, trazendo, a cada um dos capítulos, a história de construção de cada um dos álbuns do Death e como se dava a vida de Chuck na dedicação de cada um deles, costurando com alguns poucos aspectos mais pessoais e íntimos de seu cotidiano. Há um trabalho minucioso e de fôlego sobre a produção dos álbuns e a construção das músicas, sendo que 90% delas tem boa parte de suas letras apresentadas no decorrer dos capítulos. Compensa, de certa forma, a ausência de uma maior discussão a respeito daquilo que as revistas especializadas nas





époças publicavam e repercutiam sobre os álbuns do Death. E o livro deixa um constante gosto de quero mais, no que diz respeito à quantidade de imagens da banda, dos ensaios, das gravações de álbuns e de *shows*.

O livro aborda tanto a evolução musical do Death, que de uma sonoridade crua e direta, passa a se transformar em uma banda mais complexa e virtuosa, sem perder o peso, quanto a mudança nas perspectivas das letras, que de uma diversão monstruosa juvenil no primeiro álbum passa a trazer uma carga mais política e subjetiva nos seguintes. Além de abordar, maciçamente, as várias indiretas aos desafetos que Chuck promove em suas letras. Essa transformação nas composições está acompanhada, na biografia, dos acontecimentos diretos e indiretos na vida do músico, que afetam diretamente em sua produção.

A edição brasileira é muito caprichada. Há uma encadernação em capa dura e as ilustrações de algumas figuras dos álbuns permeiam as contracapas. A boa tradução de Guilherme Maionchi, a caprichada editoração gráfica e o marca texto – também com imagens das capas dos álbuns – que acompanha a obra, comprovam o esmero com o qual a editora Estética Torta dedicou à produção da edição brasileira.

No mais, é necessário afirmar que o livro "*Death By Metal: a história de Chuck Schuldiner e do Death*" é uma bela publicação, destinada tanto aos admiradores do *Heavy Metal* em geral, quanto aos pesquisadores que o irão utilizar como fonte de informações e pesquisa no campo da música extrema, da contracultura e da estética. Sua tardia publicação no Brasil vem em boa hora, em um momento onde as próprias reflexões promovidas por Chuck, em suas letras, nos ajudam a pensar sobre não somente o papel que cabe ao *death metal* no mundo da música, mas também no campo da política, visto que, ao encarar diretamente os regimes conservadores, tanto em países democráticos, quanto nos totalitários, o estilo mostra que há um papel inequívoco, de sua parte, no enfrentamento às posturas grotescas e barbáricas dos fascismos contemporâneos.